

“Há algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão duvidoso e incerto, de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, me desfazer de todas as opiniões a que até então dera crédito, e comçar tudo novamente desde os fundamentos.”

Descartes

A exigência de clareza e de livre crítica é própria do percurso filosófico. Antes de Descartes, essa **recusa da opinião** (da doxa, em grego) e a busca da explicação e da verdade (a **teoria**) já eram encontradas nos diálogos socráticos, escritos pelo grego Platão no século IV a.C. Exercitando o senso crítico do interlocutor, esses diálogos tinham importante papel educativo. Eles mostravam a precariedade das opiniões do senso comum grego de sua época.

Primeiro foi o espanto⁵, depois o despertar crítico e a decepção. O ser humano queria uma explicação para o mundo, uma ordem para o caos. Ele queria, enfim, a verdade. Essa busca da verdade tornou-o cada vez mais exigente com o conhecimento que adquiria e transmitia. Ambicioso, o homem sentia uma necessidade crescente de entender e explicar de maneira clara, coerente e precisa. Essa busca de saber fez nascer a filosofia.

A palavra **filosofia** é formada por dois termos gregos: filós, que traduz a idéia de amor, e sofía, que significa sabedoria. Assim, a filosofia tem o sentido etimológico de “amor à sabedoria”.

Conforme a tradição histórica, a criação da palavra filosofia é atribuída ao grego Pitágoras, que viveu no século VI a. C. Certa vez, perguntado pelo príncipe Leonte sobre qual era a natureza da sua sabedoria, Pitágoras disse: sou apenas um filósofo. Com essa resposta, desejava esclarecer que não detinha a posse da sabedoria. Assumia a posição de “amante do saber”, alguém que procura a sabedoria, que busca a verdade.

Com o decorrer do tempo, entretanto, a palavra filosofia foi perdendo o significado original. Na própria Grécia Antiga passou a designar não apenas o amor ou a procura da sabedoria, mas um tipo especial de sabedoria: aquela que nasce do **uso metódico da razão**, da investigação racional, na busca do conhecimento.



O Pensador (1904) – Auguste Rodin

A EXTENSÃO E O PAPEL DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO

O saber filosófico designava, desde a Grécia Antiga, a totalidade do conhecimento racional desenvolvido pelo homem. Abrangia, portanto, os mais diversos tipos de conhecimento, que hoje entendemos como pertencentes à matemática, astronomia, física, biologia, lógica, ética etc. Enfim, todo o conjunto dos **conhecimentos racionais** integrava o universo do saber filosófico.

À filosofia interessava conhecer toda a realidade sem dividi-la em objetos específicos de estudo.

Na história do pensamento ocidental, esse significado **amplo e universalista** do saber filosófico manteve-se, de modo geral, até a Idade Média. Poucas áreas separaram-se da filosofia, como o fez a teologia, por exemplo, que se desenvolveu em estudo específico a respeito de Deus.

Durante a Idade Moderna, entretanto, o vasto campo filosófico entrou num processo de redução. A realidade a ser conhecida passou a ser dividida, recortada, despertando estudos especializados. Era a **separação entre ciência e filosofia**.

Gradativamente, foram conquistando autonomia muitas ciências particulares, que se desprenderam do tronco comum da árvore do saber filosófico. Ao se constituírem por um processo de especialização, essas ciências passaram a direcionar suas investigações a certos campos delimitados da realidade, e o fazem ainda hoje de forma cada vez mais “localizada”.

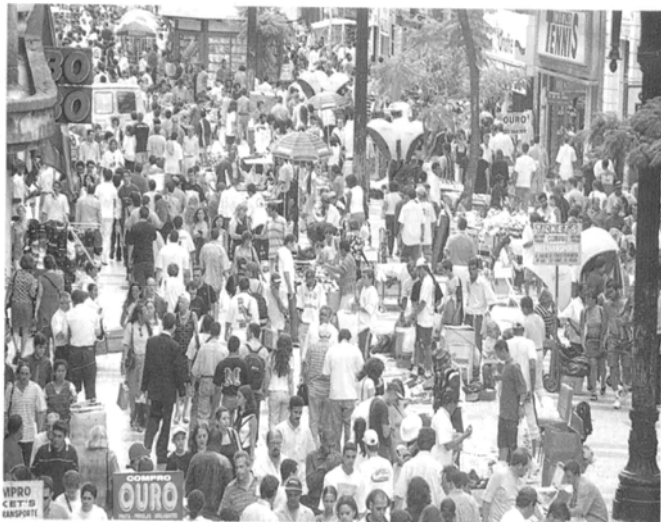
Exemplos dessas ciências são a matemática, a física, a química, a biologia, a antropologia, a psicologia, a sociologia etc.

Os dias atuais caracterizam-se **como** a “era dos especialistas”. O problema da especialização do mundo científico é que ela conduz a uma pulverização do saber, à perda de uma visão mais ampla do conhecimento, a uma restrição mental sistemática.

Nesse contexto, a filosofia passou a ter o papel, entre outros, de recuperar a unidade do saber, de questionar a validade dos métodos e critérios adotados pelas ciências. Isto é, passou a desenvolver o trabalho de reflexão sobre os conhecimentos alcançados por todas as ciências, além da procura de respostas à finalidade, ao sentido e ao valor da vida e do mundo.

Assim, podemos dizer que pertence à filosofia o estudo geral dos seres, do nosso conhecimento e do valor das coisas. Em termos mais específicos, costuma-se situar dentro do campo filosófica aqueles estudos que se referem a temas **como** teoria do conhecimento, fundamentos do saber científico, lógico, política, ética,

estética etc. Esses temas são estudados em detalhes nas próximas unidades deste livro.



A Filosofia, entre outras coisas, busca compreender o ser humano, em sua rotina, em seus desconfortos, em seus dilemas.

Para pensar!!!



No texto a seguir, o pensador brasileiro Roland Corbisier ressalta a importância do **ato de perguntar**. Esse ato, tão "banal e cotidiano", nos distingue, essencialmente, de todos os demais seres vivos. Por isso, está na raiz da atividade filosófica.

Homem: o ser que pergunta

Normalmente perguntamos sem refletir sobre o próprio perguntar, sem indagar pelo significado dessa operação da inteligência que se acha na raiz de todo conhecimento e de toda ciência. E ao perguntar pelo perguntar, convertemos essa operação, que nos parece tão banal, tão cotidiana, em tema filosófico, a partir do momento em que passamos a considerá-la do ponto de vista da crítica radical.

Se compararmos, nesse aspecto, o comportamento humano com o do animal, verificaremos que o animal não pergunta, não indaga, limitando-se a responder.

Mas, por que o animal não pergunta? Não pergunta porque não precisa perguntar. E por que não precisa perguntar? Porque, para viver e reproduzir-se, dispõe do instinto que o torna capaz de fazer, embora inconsciente e sonambulicamente, tudo o que é necessário para sobreviver e assegurar a sobrevivência de sua espécie. O animal não pergunta, limita-se a responder aos estímulos e provocações do contexto em que se encontra, a responder imediatamente, fugindo do perigo, quando é ameaçado, e atacando a presa quando está com fome.

Entre o animal e o contexto em que vive não há ruptura, não há solução de continuidade. Porque o animal é natureza dentro da natureza, instinto, espontaneidade vital, inconsciência (...)

Em contraste, o homem pergunta. E, por que pergunta? Porque precisa perguntar.

Mas, por que precisa perguntar? Precisa perguntar porque não sabe e precisa saber, saber o que é o mundo em que se encontra e no qual deve viver. Para poder viver, e viver é conviver, com as coisas e com os outros homens, precisa saber como as coisas e os outros homens se comportam, pois sem esse conhecimento não poderia orientar sua conduta em relação às coisas e aos homens. Para o ser humano o conhecimento não é facultativo, mas indispensável, uma vez que sua sobrevivência dele depende. Mas, para que esse conhecimento lhe seja realmente útil e lhe permita transformar a natureza, pondo-a a seu serviço, e lhe permita, também, transformar sua própria natureza, pela educação e pela cultura, para que esse conhecimento possa tomar-se o fundamento de uma técnica realmente eficaz, é indispensável que não seja meramente empírico, mas científico, ou epistemológico, como diziam os gregos.

Ora, que está na origem do conhecimento, tanto filosófico quanto científico? Na origem desse conhecimento está a capacidade, ou melhor, a necessidade de perguntar, de indagar, o que são as coisas e o que é o homem. E qual é o pressuposto, ou a condição, de possibilidade da pergunta? Se pergunto é porque não sei, ou me comporto como se não soubesse. A pergunta supõe, conseqüentemente, a ignorância em relação ao que se pretende ou precisa saber, pressupondo também, e ao mesmo tempo, a consciência da ignorância e o conhecimento, por assim dizer, em oco, daquilo que se desconhece e precisa conhecer. A mola do processo é a contradição. Não sei e sei que não sei, e essa consciência da ignorância, a ciência da insciência, é o que me permite perguntar, quer a pergunta se dirija à natureza, quer se enderece aos outros homens.

ROLAND CORBISIER. Introdução à filosofia, t. 1, p. 125-27.

Debate e Reflexão

01. Consciência crítica

- Na sua opinião, o que favorece o desenvolvimento da consciência crítica?
- "A conscientização é um processo dialético que se move do eu ao mundo e do mundo ao eu." Interprete e discuta essa afirmação.

02. O despertar da filosofia

- Para que serve a filosofia? Discuta e debata esse tema.
- Pesquise uma definição de filosofia. Exponha o seu significado.

03. A era dos especialistas

- No mundo científico existem, atualmente, inúmeros especialistas para cada setor do conhecimento. Debata o seguinte tema: Vantagens e desvantagens da especialização extrema.

